# Dia 7 — São Caetano, Fundador dos Clérigos Regulares Teatinos

A família de São Caetano foi uma das mais nobres do Vicentino, no senhorio de Veneza, distinta pelos grandes cargos que obteve na Igreja e no Estado, e fecunda em grandes homens, não menos na carreira das armas que na profissão das letras e no estado eclesiástico. Além do famoso Caetano de Thiene, cônego de Pádua, a quem alguns apelidavam o príncipe dos teólogos de seu século, produziu esta ilustre casa muitos insignes prelados, como também grandes capitães, governadores de Milão e vice-reis de Nápoles. Nasceu nosso santo no ano de 1480, ou em Vicenza, ou na própria Thiene, populosa povoação pertencente à sua família, que dela tomou o nome ou apelido. Seu pai chamou-se Gaspar de Thiene, e sua mãe Maria Porto, ambos mais recomendáveis por sua eminente virtude do que por sua ilustre nobreza. Correspondeu sua educação aos desejos de seus virtuosos pais. Desejava sua mãe que também se vissem santos numa família onde já se haviam visto sábios e capitães; com este piedoso fim, logo que foi batizado, pô-lo sob a proteção da Santíssima Virgem.

Bem depressa deram a conhecer as inclinações do menino que o Senhor o havia prevenido, quase desde o berço, com suas mais doces bênçãos. Não parecia possível índole mais branda, semblante mais modesto, engenho mais brilhante, gênio mais dócil, nem coração mais puro nem mais reto. Já naquela tenra idade dava bem a entender que só Deus era o único objeto de seus desejos. Todas as diversões de sua infância se reduziam a exercícios de devoção, que pareciam superiores à sua meninice, sendo a mais frequente, e a que mais o divertia, representar em seu quarto as sagradas cerimônias que observava na igreja. À vista de sua perfeita submissão e obediência à vontade de seus pais e de seu aio, propunham-no por modelo à tenra juventude de Vicenza; e, considerando aquela sua fervorosa devoção e aquela ardente caridade numa idade que mal sabe sentir as misérias alheias, comumente o nomeavam com o epíteto de santo.

Mas, ainda que os exercícios de devoção parecessem ser toda a sua ocupação, e fossem efetivamente seu principal emprego, nem por isso estorvaram os assombrosos progressos que fez no estudo das ciências humanas. Em pouco tempo se fez hábil filósofo, sábio teólogo, douto canonista e não menos jurisconsulto, estudando um e outro direito na universidade de Pádua, onde recebeu os graus de doutor em ambos e foi reputado um dos mais sábios legistas, canonistas e moralistas de seu tempo. Mas, assim como os exercícios espirituais não serviam de estorvo aos progressos que fazia no estudo, assim tampouco sua aplicação ao estudo impedia ou apagava o fervor de sua devoção. Crescia visivelmente a cada dia seu abrasado amor de Deus, e não eram

menos sensíveis os progressos que fazia em sua terna e amorosa devoção à Santíssima Virgem. Não podia manter-se muito tempo no mundo uma vida tão pura em século tão corrompido. Pouco tardou em tomar seu partido o santo jovem; e, como o céu o tinha destinado a fundar dentro do próprio clero uma família religiosa, abraçou o estado eclesiástico.

Tendo ficado senhor de seus bens, pela morte de seus pais, edificou à sua custa uma espécie de capela, ou igreja auxiliar da paróquia, no lugar de Rampazzo, dotando-a de um capelão, para consolação e alívio de seus moradores, que, por estarem distantes da igreja paroquial, careciam de assistência espiritual e não poucas vezes corriam o risco de ficar sem missa nos domingos e dias festivos.

Estava tão desterrado o uso dos sacramentos pela desordem dos costumes que mal se achava quem comungasse duas vezes ao ano, mesmo entre os que viviam mais regradamente. Renovou-se o fervor com o exemplo de nosso santo. Sua devoção, sua modéstia, sua assiduidade à oração e sua frequência dos sacramentos, tudo isso num jovem daquele mérito e daquela distinção, bastou para reformar os costumes e para que toda a cidade mudasse de semblante.

Pelo desejo de imbuir-se do espírito eclesiástico e de nele aperfeiçoar-se mais, empreendeu uma viagem a Roma, com determinada resolução de levar naquela cidade uma vida retirada e escondida, empregando-se unicamente nos mais baixos exercícios de humildade. Mas de nada lhe valeu; porque sua insigne virtude, acompanhada de sua grande reputação, logo o descobriu, dando-o a conhecer pelo que era. Quis vê-lo o papa Júlio II; e, reconhecendo nele sinais muito visíveis de um extraordinário mérito e de uma eminente santidade, que algum dia podiam ser muito úteis ao bem da santa Igreja, mandou-lhe que ficasse na corte. Não era este preceito acomodado à inclinação de Caetano, que sempre suspirava pela solidão, para nela dedicar-se só a Deus; mas foi-lhe preciso obedecer. Não querendo o papa que ficasse tão escondida aquela brilhante tocha, deu-lhe um ofício de protonotário participante. Não alterou seu fervor nem seu espírito de recolhimento o ar da corte. Havia em Roma uma congregação chamada do Amor Divino, fundada na igreja de São Silvestre, cujo instituto era acender nos corações o fogo do amor de Deus e apagar neles os incêndios do amor profano. Logo que Caetano foi recebido nesta piedosa congregação, viram-se renovar nela o zelo e o fervor, que iam decaindo; restabeleceu-se o uso dos sacramentos e palparam-se a segurança e a abundância do fruto quando se prega com o exemplo.

Todos estavam impacientes por ver promovido às sagradas ordens tão santo e zeloso ministro; e, embora ele próprio, por uma parte, desejasse com ardor o sacerdócio, por outra estremecia sua humildade só de pensar na santidade do ministério. Sossegou o papa sua inquietação e, dispensando-o dos interstícios, fê-lo receber em três dias festivos todas as ordens sagradas, incluído o sacerdócio. Não havia memória de que em muito tempo se tivessem visto os altares servidos com tanta pureza e com tanto fervor. Comumente se dizia que Caetano no altar era um serafim e no púlpito um apóstolo. Morto o papa Júlio, só suspirou pelo retiro. Renunciou ao ofício que tinha na corte, juntamente com a prelatura que lhe estava anexa, determinado a empregar-se única e inteiramente no exercício de boas obras. Logo que regressou a Vicenza, alistou-se na congregação de São Jerônimo, formada sobre o modelo da do Amor Divino, mas composta somente de artífices e de gente do povo. Não o levou a bem sua família; mas o santo havia tempo estava

morto para todos os respeitos humanos. Tendo nascido, por assim dizer, com um amor como que congênito à pobreza evangélica, professava certa afeição particular aos pobres, a qual ia crescendo à medida de sua virtude. E, não podendo sua caridade cingir-se aos estreitos limites daquela congregação, estendia-se a todos os pobres e enfermos da cidade, sem que nenhum escapasse ao vigilante cuidado de seu caritativo zelo.

Era seu diretor um santo religioso da Ordem de São Domingos, cuja principal ocupação era moderar os excessos de seu fervor e reprimir as demasias a que o inclinava sua insaciável sede de humilhações e de abatimentos. Sua contínua assistência nos hospitais, e aquela sua fervorosa ânsia de servir sempre os enfermos mais repugnantes, renovaram o espírito da caridade, quase apagado no coração dos cidadãos. A exemplo de São Caetano, tanto plebeus como nobres competiam à porfia na assistência aos pobres enfermos; de maneira que, dentro de poucos dias, aqueles mesmos hospitais de onde, algum tempo antes, parecia estar desterrada toda gente de alguma distinção passaram de repente a ser as casas mais frequentadas de toda a cidade.

Mas maior teatro ia o céu dispondo à admirável caridade de nosso santo. Ordenou-lhe seu prudente diretor que passasse a Veneza; e Caetano obedeceu, sem dar ouvidos à sua inclinação nem à sua repugnância. Chorou Vicenza a falta de tão virtuoso operário; mas Veneza, aonde já se havia adiantado a fama de seu nome, celebrou sua dita e recebeu-o com extrema alegria. Mudou de lugar, mas não mudou de inclinação nem de exercício. Escolheu para sua habitação o hospital novo; fez nele tanto bem, tanto pela assistência aos enfermos como pela boa ordem que estabeleceu naquela casa recém-construída, que sem dificuldade foi chamado seu verdadeiro fundador. A isto se seguiram a reforma geral dos costumes e a conversão de muitos pecadores, tudo fruto de suas frequentes exortações e de seus santos exemplos. À vista de tantos prodígios, persuadiu-se o diretor de Caetano de que não era campo suficiente para seu zelo o de uma cidade particular, e de que sem dúvida o céu o destinava a servir a Igreja universal de modo mais dilatado e mais glorioso. Com este pensamento, enviou-o a Roma, onde se uniu mais estreitamente que nunca aos principais membros da congregação do Amor Divino. Eram eles João Pedro Carafa, então bispo de Teate, vulgarmente chamada Chieti, que depois foi papa com o nome de Paulo IV; Paulo Consiglieri, da ilustre casa dos Ghislieri; e Bonifácio de Colle, gentil-homem milanês. Com estes virtuosos personagens estreitou amizade nosso santo; e, conferenciando com eles sobre os meios de reformar muitos abusos e de remediar o relaxamento que se havia introduzido no estado eclesiástico, resolveu fundar uma Ordem de clérigos regulares, tomando por modelo a vida dos apóstolos.

Era grande o intento, e verdadeiramente árdua a empresa; mas, cheios de confiança na pureza de sua intenção, recorreram ao papa Clemente VII, suplicando-lhe que lhes admitisse a demissão de seus benefícios e de seus cargos, e pedindo-lhe sua proteção para a execução de um pensamento que consideravam tão útil à Igreja universal. Teve o papa grande dificuldade em tudo, mas principalmente em consentir que Carafa renunciasse a seu bispado; e os cardeais a tiveram muito maior em aprovar um instituto que não só se despojava de todo gênero de fundos e de rendas, como os religiosos franciscanos, mas obrigava todos os que o professassem a não pedir esmola de modo algum, abandonando-se total e inteiramente à divina Providência. Mas tanto Carafa como Caetano representaram com tanta energia e solidez a conformidade desta maneira de vida com a que haviam professado os apóstolos e os primeiros discípulos de Cristo que obtiveram, enfim, a

aprovação daquele admirável instituto, que nestes últimos tempos renova o espírito e o mais perfeito desapego dos primeiros séculos da Igreja. No dia, pois, 14 de setembro do ano de 1524, São Caetano e seus três ilustres companheiros, depois de terem renunciado a todos os seus bens, cuja maior e melhor parte coube aos pobres, fizeram seus votos na igreja do Vaticano, nas mãos de monsenhor João Batista Bonziano, bispo de Caserta, datário apostólico e deputado pelo papa para esta tocante função. Já havia Sua Santidade aprovado com grandes elogios o novo instituto, sob o nome de Clérigos Regulares, numa bula expedida em 24 de junho do mesmo ano de 1524. Depois que fizeram seus votos, elegeram por superior a Carafa; e, porque o papa quis absolutamente que ele mantivesse sempre o título de bispo de Teate, chamaram-se Teatinos os novos religiosos, conservando depois este nome, que tomaram daquela cidade.

Como o zelo daqueles varões apostólicos tinha por primeiro objeto remediar a indevoção e a ignorância nos eclesiásticos, a desordem dos costumes nos leigos, a negligência do culto divino nas igrejas e a pouca afeição à frequência dos sacramentos em todos, foi o fim de seu instituto: primeiro, restaurar a pureza de costumes, o amor ao estudo, a circunspecção e o procedimento regrado no corpo do clero; segundo, extinguir nele a cobiça e renovar o desinteresse, amoldando-o ao espírito e à perfeição da pobreza apostólica; terceiro, restituir a decência e até a magnificência aos templos, ressuscitando ao mesmo tempo aquele espírito de respeito e de religião que deve animar todas as cerimônias exteriores da Igreja; quarto, purgar o púlpito, ou cátedra da verdade, das baixezas, dos abusos e das profanidades que nele se haviam introduzido; quinto, perseguir em toda parte as novas heresias, assistir os enfermos até a sepultura e acompanhar os réus ao suplício.

Tanto Roma como toda a Itália experimentaram logo os efeitos daquele admirável instituto, cuja alma era nosso Caetano. Atraídos pelo odor de sua virtude e da de seus companheiros, acudiram muitos a alistar-se na nova Ordem, começando-se a chamar teatinos não somente os que a professavam, mas todos aqueles eclesiásticos devotos que levavam vida um pouco mais exemplar. Concorreu tão grande número de pretendentes que foi preciso buscar outra casa mais espaçosa; e assim se estabeleceram no monte Píncio, de onde, no ano seguinte, os obrigou também a sair a violência das tropas do imperador, depois que tomaram Roma de assalto. Saquearam a casa e maltrataram os padres, mas sobretudo São Caetano, a quem deram tormento por instigação de um soldado que, tendo-o conhecido em Vicenza, o supunha agora tão rico como então. Depois de tão cruéis provas, saiu de Roma, com todo o corpo desconjuntado, juntamente com seus companheiros, todos com o breviário debaixo do braço, vestidos de pobres batinas; e, tendo embarcado no porto de Óstia, aportaram a Veneza. Recebeu-os o senhorio com veneração e alojou-os em São Nicolau de Tolentino, podendo-se dizer que aqui nasceu pela segunda vez aquela sagrada família.

Concluídos os três anos do governo de Carafa, sem que se atendesse aos rogos nem às lágrimas de Caetano, foi ele eleito superior de uma congregação que o reconhecia por seu fundador e por seu pai. Os cuidados do novo cargo em nada diminuíram seus desvelos pelo alívio dos pobres de fora. Era a mesma sua assistência aos hospitais; mas nunca resplandeceu mais sua ardente caridade, nunca se fez mais admirar de todo o país, do que na peste que trouxeram os navios do Levante.

Em toda parte eram assombrosos os frutos de seu zelo, sustentado pela opinião geral de sua virtude. Logo que se deixou ver em Verona, onde desgraçadamente se havia introduzido a discórdia no corpo do clero, introduziu nele a tranquilidade juntamente com a reforma. Enviado a Nápoles por ordem do pontífice, para fundar naquela cidade uma casa de sua Ordem, aceitou o sítio e o alojamento que lhe deu o conde de Oppido; mas nunca este o pôde reduzir a admitir os fundos e as rendas que lhe destinava, alegando o santo ser isso contrário à perfeição de pobreza que havia professado. Os frutos da nova fundação foram em Nápoles os mesmos que haviam sido em Roma, em Veneza e em Verona. Em toda parte onde estava Caetano entrava com ele a reforma dos costumes, e mudavam de semblante o povo, o clero, a nobreza e os magistrados.

O papa Paulo III, que sucedeu a Clemente VII, elevou à púrpura João Pedro Carafa, o que acrescentou muito lustre à nova congregação. Entretanto, nosso Caetano, não menos atento a conservar a pureza da fé que a restituir a santidade dos costumes, descobriu em Nápoles, por força de sua vigilância, três hereges disfarçados, que, com o especioso rótulo de virtude e de reforma, semeavam naquela cidade as perniciosas novidades do luteranismo. Viram-se obrigados a retirar-se dela Valdés, Pedro Mártir e Ochino, porque não quiseram converter-se; e aquela grande cidade deveu ao zelo de nosso santo a dita de preservar-se do contágio da heresia. A impulsos de seu mesmo zelo, viu-se obrigado a repetir muitas viagens a Roma, a Veneza e ao Vicentino, com sucesso igualmente feliz em toda parte, sem que, em meio a tantas agitações, se alterassem um ponto seu recolhimento interior, sua devoção particular nem sua penitência. Antes, parece que crescia com suas ocupações o terno amor que professava a Jesus Cristo e à Santíssima Virgem. Abrasado nele seu coração, nunca pronunciava o doce nome de Jesus sem acrescentar o de Maria.

Entrando na igreja de Santa Maria Maior na vigília do Natal, para nela passar a noite, logo que se pôs em oração, deixou-se-lhe ver o Menino Deus no mesmo estado que tinha ao tempo de seu nascimento. Estreitava-o em seus braços a Santíssima Virgem, e logo o passou para os de Caetano, cuja alma ficou como que inundada de consolações celestiais, mas de maneira inefável, segundo ele próprio o declarou. Depois deste insigne favor, parecia já não viver nem alimentar-se senão do fogo do amor divino, cujos incêndios lhe saíam continuamente ao semblante. Macerava perpetuamente sua carne com santo rigor, e nunca tirava o cilício senão para despedaçar-se a açoites com disciplinas de ferro, passando muitas vezes noites inteiras nestes sangrentos exercícios. Seu jejum era contínuo; nenhuma ocupação exterior interrompia sua íntima união com Deus; e alguma vez foi visto seis e sete horas seguidas em oração, extático e imóvel. Mas, ainda que estes favores parecessem elevá-lo a uma condição superior à comum dos mortais, nem por isso o tornavam insensível às calamidades públicas. Afligiam-no sobretudo as perseguições da Igreja, despedaçada pelas novas heresias. Fazia incessantes orações, impunha jejuns a seus filhos; e é verossímil que a viva dor que lhe causavam os males públicos lhe tenha abreviado os dias da vida. Com os milagres que obrava crescia a cada dia a opinião de sua santidade. Quebrou-se um osso perto do calcanhar a um de seus religiosos, e formou-se-lhe um abscesso tão perigoso que os cirurgiões determinaram cortar-lhe a perna. Rogou-lhes São Caetano que adiassem a operação até o dia seguinte, e passou uma parte da noite fazendo oração no quarto do enfermo. Acabada esta, tirou a atadura do pé, beijou a chaga, fez sobre ela o sinal da cruz; e, quando os cirurgiões acudiram pela manhã para fazer sua perigosa operação, acharam o pé tão são como se jamais tivesse padecido coisa alguma.

Havia muito tempo que a saúde de nosso santo se ia debilitando visivelmente, sem que por isso desmaiasse seu fervor, até que, arruinada enfim sob o peso de seus trabalhos apostólicos e de suas grandes penitências, caiu mortalmente enfermo. Quis o médico que se deitasse num colchão; mas o santo logo exclamou: «Meu Salvador expirou numa cruz; bom será que ao menos eu morra sobre a cinza.» Com efeito, neste estado de penitência, recebidos os últimos sacramentos, e tendo exortado seus filhos a que nunca tolerassem o menor relaxamento na perfeição de seu instituto, entregou docemente seu espírito ao Criador, em Nápoles, no dia 7 de agosto do ano de 1547, aos sessenta e sete de sua idade e aos vinte e três da fundação de sua Ordem. Foi o santo corpo sepultado com grande solenidade em sua igreja de São Paulo de Nápoles, onde se conserva até hoje com a maior veneração. Pelos grandes milagres que obrou em vida, e pelos que se multiplicaram depois de sua santa morte, o papa Urbano VIII o beatificou no ano de 1629; e no de 1671 o papa Clemente X, precedendo as formalidades costumadas, o canonizou e o pôs no catálogo dos santos. A cada dia se está experimentando o muito que São Caetano pode junto a Deus, sendo o melhor testemunho as maravilhas que o Senhor obra por sua intercessão. A ela deveram, no ano de 1660, os sereníssimos Eleitor e Eleitora da Baviera sua filha primogênita, Maria Ana Vitória, que depois se casou com o senhor Delfim; e, em reconhecimento deste benefício, a senhora Eleitora enviou a quarenta casas de padres teatinos um menino de prata, como se vê em sua igreja de Paris e nas da Itália.

# Martirológio Romano

Em Arezzo, na Toscana, a festa de São Donato, bispo e mártir, que, além de outros milagres, segundo refere São Gregório, papa, restaurou com sua oração um cálice quebrado pelos pagãos. Preso o santo na perseguição de Juliano, o Apóstata, por ordem do prefeito Quadraciano, e tendo-se negado a sacrificar aos ídolos, consumou seu martírio ao fio do cutelo. Com ele foi também martirizado Santo Hilarino, monge, cuja festa se celebra em 16 de julho, dia da trasladação de suas relíquias para Óstia.

Em Roma, os mártires São Pedro e São Juliano, com outros dezoito.

Em Milão, São Fausto, soldado, que, depois de outros combates, alcançou a coroa do martírio sob Aurélio Cômodo.

Em Como, São Carpóforo, Santo Exanto, São Cássio, São Severino, São Segundo e São Licínio, mártires, que foram decapitados pela confissão da fé de Jesus Cristo.

Em Nísibe, na Mesopotâmia, São Domécio, monge persa, que foi apedrejado com dois de seus discípulos sob Juliano, o Apóstata.

Em Ruão, São Vitrício, bispo, que, sendo soldado de Juliano, o Apóstata, e tendo abandonado o serviço militar para alistar-se nas bandeiras de Jesus Cristo, foi provado com muitos tormentos pelo tribuno e condenado a ser decapitado. Mas, tendo ficado cego o algoz enviado para justiçá-lo, o santo, rotas suas prisões, escapou. Feito bispo, com o tempo converteu à fé com seus sermões os

morinos e os nérvios, povos da Flandres e do Hainaut, morrendo em paz, confessor da santa lei que havia pregado.

Em Châlons, na França, São Donaciano, bispo.

Em Messina, na Sicília, Santo Alberto, confessor, da Ordem dos Carmelitas, ilustre por seus milagres.

Em Nápoles, na Campânia, São Caetano de Thiene, fundador dos Clérigos Regulares.

No Limusino, São Licar, bispo.

Em Claraval, o venerável Andelfo, monge.

Em Jerusalém, o natalício de São Narciso, o Grande, bispo daquela cidade.

Na Etiópia, São Damiata, confessor.

Na Cartuxa de Pavia, o venerável Conrado de Maconis, cartuxo.

Na diocese de Frisinga, São Nantuíno, peregrino, nascido em Wolfratshausen, perto de Munique, onde há uma igreja de seu nome.

# Missa (oração)

A missa é em honra do santo, e a oração é a seguinte.

> **Latim:** *Deus, qui beato Cajetano confessori tuo apostolicam vivendi formam imitari tribuisti; da nobis, ejus intercessione et exemplo in te semper confidere, et sola cælestia desiderare. Per Dominum nostrum...*

**Português:** Ó Deus, que a vosso confessor, o bem-aventurado São Caetano, concedestes que imitasse a vida dos apóstolos; concedei-nos que, assistidos por sua intercessão e animados por seu exemplo, ponhamos sempre em vós toda a nossa confiança e somente suspiremos pelos bens celestiais. Por nosso Senhor...

# Epístola

A epístola é do capítulo 31 do livro do Eclesiástico (o original diz «Sabedoria»).

**Eclesiástico 31,8-11**

> **Latim:** 8 Beatus dives qui inventus est sine macula, et qui post aurum non abiit, nec speravit in pecunia et thesauris. 9 Quis est hic ? et laudabimus eum : fecit enim mirabilia in vita sua. 10 Qui probatus est in illo, et perfectus est, erit illi gloria æterna : qui potuit transgredi, et non est transgressus ; facere mala, et non fecit. 11 Ideo stabilita sunt bona illius in Domino, et eleemosynas illius enarrabit omnis ecclesia sanctorum.

**Português:** 8 Bem-aventurado o rico, que foi achado sem mancha e que se não deixou ir após o ouro, nem esperou no dinheiro, nem nos tesouros. 9 Quem é êste, e nós o louvaremos? Porque fêz coisas maravilhosas em sua vida. 10 Ao que foi provado no ouro, e se achou ser perfeito, isto lhe servirá de glória eterna: O que pôde transgredir a lei de Deus, e não a transgrediu: O que pôde fazer mal e não o fêz: 11 Por isso os seus bens foram assegurados no Senhor, e toda a igreja dos Santos celebrará as suas esmolas.

# Nota

«Foi autor do livro que se chama Eclesiástico, ou da Sabedoria, Jesus, filho de Sirac, o qual, propondo-se por modelo a Salomão, se aplica como ele a recomendar o estudo da sabedoria, dando-nos instruções cheias de piedade. Foi homem de vastíssima sabedoria e reputado um dos mais hábeis de seu tempo.»

# Reflexões

*Bem-aventurado aquele que não correu atrás do ouro, nem pôs sua esperança nos tesouros do dinheiro.* Depois de tanto tempo que se corre em busca deste precioso metal, e que os homens se fatigam em vão, sem ganhar outra coisa senão inquietações, ânsias, desgostos e remorsos, já parecia mais que razão que se desenganassem de suas ilusões e descobrissem a vacuidade desse fantasma que tantos idolatram. É a cobiça uma enfermidade que toma a um mesmo tempo o coração e a cabeça; é uma espécie de frenesi de que poucos saram. Quão digno de lástima é aquele que se deixa tiranizar por tão infame paixão! Se ao menos o avarento fosse liberal com aquele Senhor de quem recebemos todos os bens da vida! Mas a avareza não só é vício próprio das almas baixas; é-o também dos corações pouco cristãos. O avarento é sempre tão mesquinho com Deus como o é consigo mesmo. Pouca impressão faz a miséria alheia naquele que só ama o seu dinheiro. Em todos é vil e desprezível a avareza; mas em ninguém é mais odiosa do que naqueles que por sua profissão, segundo a linguagem do Apóstolo, não a deveriam conhecer nem de nome: *Avaritia nec nominetur in vobis, sicut decet sanctos.* Não é para lastimar que uns homens

consagrados ao ministério dos altares, que por seu estado só deveriam aspirar à herança do Senhor, se deixem arrastar pela paixão de que outros lhes herdem as sórdidas economias, ao mesmo tempo que tantos pobres lhes estão pedindo de justiça as rendas daquele patrimônio seu, que a piedade dos fiéis pôs em suas mãos? Não é esta aquela louca vaidade que com tanta razão contou o Profeta no número das abominações que se cometem no templo? Não é aquela pobreza de entendimento, aquela ridícula loucura que, como diz o Sábio, causa horror e se torna insuportável a todo homem de razão? Que umas pessoas que o próprio Deus separou da multidão das demais, pondo-as à parte e escolhendo-as como que para si, intimando-lhes que seu reino não é deste mundo, se hajam de ocupar somente em tudo o que pode contribuir para o engrandecimento de sua família! Que uns homens cuja renda se compõe toda das rendas dos fiéis, e a quem muitas vezes o altar não dá o suficiente para sua manutenção, se hajam de negar a si mesmos o mais necessário para deixar a seus sobrinhos, e talvez aos estranhos, com que sustentar o supérfluo! Homens cuja sórdida avareza se vê retratada na indecência do vestido; homens mais famintos de seu estipêndio que o secular mais cobiçoso; homens sempre mais e mais duros com os pobres, não menos que consigo mesmos; que não fazem para poupar e para ganhar em tudo! Mas que fim terão em tão ruim como vergonhosa economia? Nenhum outro senão o de aumentar à sua custa um capital de que eles não se hão de aproveitar e que só há de servir para fomentar a profanidade dos que estão desejando sua morte, parecendo-lhes que já tarda demais o verem-se donos de suas infelizes economias.

# Evangelho

O evangelho é do capítulo 6 de São Mateus.

**Mateus 6,24-33**

> **Latim:** 24 Nemo potest duobus dominis servire : aut enim unum odio habebit, et alterum diliget : aut unum sustinebit, et alterum contemnet. Non potestis Deo servire et mammonæ. 25 Ideo dico vobis, ne solliciti sitis animæ vestræ quid manducetis, neque corpori vestro quid induamini. Nonne anima plus est quam esca, et corpus plus quam vestimentum ? 26 Respicite volatilia cæli, quoniam non serunt, neque metunt, neque congregant in horrea : et Pater vester cælestis pascit illa. Nonne vos magis pluris estis illis ? 27 Quis autem vestrum cogitans potest adjicere ad staturam suam cubitum unum ? 28 Et de vestimento quid solliciti estis ? Considerate lilia agri quomodo crescunt : non laborant, neque nent. 29 Dico autem vobis, quoniam nec Salomon in omni gloria sua coopertus est sicut unum ex istis. 30 Si autem fœnum agri, quod hodie est, et cras in clibanum mittitur, Deus sic vestit, quanto magis vos modicæ fidei ? 31 Nolite ergo solliciti esse, dicentes : Quid manducabimus, aut quid bibemus, aut quo operiemur ? 32 hæc enim omnia gentes inquirunt. Scit enim Pater vester, quia his omnibus indigetis. 33 Quærite ergo primum regnum Dei, et justitiam ejus : et

> hæc omnia adjicientur vobis.

**Português:** [24] Ninguem póde servir a douss senhores: porque ou ha de aborrecer hum, e amar outro: ou ha de accommodar-se a este, e desprezar aquelle. Não podeis servir a Deos, e ás riquezas. [25] Por tanto vos digo, não andeis cuidadosos da vossa vida, que comeiris, nem para o vosso corpo, que vestireis. Não he mais a alma que a comida: e o corpo mais que o vestido? [26] Olhai para as aves do ceo, que não seneção, nem segão, nem fazem provimentos nos celieiros: e com tudo vosso Pai celestial as sustenta. Por ventura não sois vós muito mais do que ellas? [27] E qual de vós discorrendo póde acrescentar hum covado a sua estatura? [28] E porque andais vós sollicitos pelo vestido? Considerai como crescem os lirios do campo: elles não trabalhão, nem fião. [29] Digo-vos mais, que nem Salamão em toda a sua gloria se cobriu jáma's como hum d'estes. [30] Pois se ao feno do campo, que hoje he, e á manhã he lançado no forno, Deos veste assim: quanto mais a vós, homens de pouca fé? [31] Não vos afflijais pois, dizendo: que comeremos, ou que beberemos, ou com que nos cobriremos? [32] Porque os Gentios he que se canção por estas cousas. Por quanto vosso Pai sabe, que tendes necessidade de todas ellas. [33] Buscai pois primeiramente o reino de Deos, e a sua justiça: e todas estas cousas se vos acrescentarão.

# Meditação

*Da confiança em Deus*

## Primeiro ponto

Considera que todos, por assim dizer, seríamos todo-poderosos, se nossa confiança em Deus fosse viva, constante e perfeita. Falta-nos aquilo de que precisamos somente porque nos falta a fé. São desatinadas as nossas petições, e ineficazes as nossas orações, porque é pouca ou nenhuma a nossa confiança em Deus. Os sábios do mundo contam com sua prudência; os ricos, com seu ouro; os jovens, com sua idade; os robustos, com sua saúde; parecendo-lhes que estes são firmes e sólidos fundamentos. Põe-se toda a confiança no favor dos grandes, na autoridade dos protetores, no número dos amigos; de sorte que parecemos persuadidos de que para nada precisamos de Deus, a julgar pelo pouco que com ele contamos. A cada dia experimentamos a insuficiência e a infidelidade das criaturas, sem que por isso diminua a confiança que nelas colocamos. Nem por isso nos desenganamos, nem deixamos de voltar a apoiar-nos naquelas mesmas canas que tantas vezes se dobraram e tantas se fizeram em pedaços em nossas mãos. De onde nascerá que confiemos tão pouco naquele Senhor cujo poder é imenso, infinito, e cuja fidelidade temos tão experimentada? De onde nascerá que, estando esta virtude como que naturalmente semeada em nossos corações, como se nota até nos mais ímpios, os quais, nos grandes perigos, nos acidentes repentinos, levantam as mãos ao céu e imploram a proteção de Deus com certo movimento indeliberado; de onde nascerá que, não obstante este instinto natural, nos custe tanto colocar no Criador toda a nossa confiança? Como isto é absolutamente alheio a toda razão, não é possível

assinalar alguma. A única coisa que se pode dizer é que jamais consideramos as muitas que temos para fazer tudo ao contrário; que é muita a nossa falta de fé, e maior a do amor a nosso Deus; e que nossa consciência nos está continuamente repreendendo nossa tibieza, nossa ingratidão e nossa infidelidade. Não cessamos de desagradar a Deus, de desobedecer à sua vontade, de menosprezar sua lei e seus preceitos; é isto o que debilita e o que inteiramente apaga nossa confiança no Senhor. Desconfiados de sua bondade, recorremos a qualquer outro; e se, depois de termos experimentado a insuficiência ou a infidelidade das criaturas, recorremos ao Criador, fazemo-lo à força ou por desespero, e ainda então com dúvida e com desconfiança. E, à vista disso, admiramo-nos, e até nos queixamos, de que o Senhor não nos ouça! Antes seria uma espécie de milagre se, vendo-nos nesta disposição, nos estendesse sua benéfica mão.

# Segundo ponto

Considera que verdadeiramente é muito estranha a contradição que se observa entre nossa fé e nossa conduta. Todos estamos convencidos de que Deus é o autor e a origem de todos os bens, e de que só à sua bondade devemos todos os dons que recebemos e todos os que esperamos receber; em que consiste, pois, nossa falta de confiança? Parece que não é possível inspirar-no-la maior, quando ele somente nos pede esta mesma confiança para obrigar-se a assistir-nos em todas as nossas necessidades: *Credite quia accipietis*; «crede que recebereis o que me pedirdes, e estai seguros de que sem outra diligência o recebereis». Empenha-nos Deus sua palavra; esta é a maior fiança de tudo o que nos promete; ela só, certamente, deveria bastar para tornar inabalável nossa confiança; depois desta segurança, parecia inútil da parte de Deus qualquer outra precaução. Contudo, como a obrigação do juramento se reputa entre os homens maior e mais sagrada que todas as demais, quis o Senhor acrescentar esta obrigação à sua palavra, para que estivéssemos mais certos, diz São Paulo, da imutável firmeza de suas promessas. Serão ainda precisas outras provas? Serão precisos motivos mais poderosos, razões mais fortes, para despertar nossa esperança, para assegurar nossa confiança e para ressuscitar nossa fé? Não é grande dita nossa que, para acomodar-se Deus à nossa fraqueza, se digne jurar por amor de nós? Poderia dar-nos maior prova da sinceridade com que deseja conceder-nos tudo o que nos promete? *O nos beatos*, diz Tertuliano, *quorum causa Deus jurat! O miserrimos, si nec Deo juranti credimus!* Qual, pois, deve ser a firmeza de uma confiança assegurada sobre tantas obrigações? Que tranquilidade e que calma não devem produzir em nossos corações umas esperanças tão bem fundadas? Como é possível que haja ainda acidentes que nos espantem, perdas que nos desesperem, reviravoltas que nos assustem, tendo um Deus que nos oferece e nos assegura sua proteção e sua assistência? Com tudo isso, é bem verdade que a desconfiança e o temor reinam quase universalmente nos corações.

Estou, meu Deus, tão persuadido de que velais sobre os que confiam em vós, e de que nada pode faltar a quem de vós espera todas as coisas, que estou resolvido a deixar daqui em diante nas mãos de vossa providência todas as minhas inquietações e todos os meus cuidados. Poderão os homens despojar-me dos bens e da honra; poderão as enfermidades debilitar-me as forças; poderei eu mesmo ser tão infeliz que perca vossa graça pelo pecado; mas jamais perderei a esperança; conservá-la-ei até o último momento de minha vida; em vão procurarão arrancar-ma os

maiores esforços de todos os demônios do inferno: *In te, Domine, speravi, non confundar in æternum.*

# Jaculatórias

> *Domine, non confundar, quoniam invocavi te.* Sl 30.

Não, Senhor, nunca serei confundido, porque invoquei vosso santo nome.

> *In te, Domine, speravi, non confundar in æternum.* Sl 30.

Em vós, Senhor, confiei, e não serei confundido eternamente.

# Propósitos

1. «Meu Deus, contanto que eu esteja junto de ti (dizia o santo Jó), desafiarei ousadamente todos os meus inimigos»: *Pone me juxta te, et cujusvis manus pugnet contra me.* Não permitais que eu me afaste de vosso lado, e nenhuma coisa será capaz de alterar minha confiança. Tudo está cheio de laços e de escolhos; vivemos num país inimigo; no próprio trono nascem as adversidades e as cruzes; dentro de nós mesmos temos um manancial inesgotável de misérias e de desgostos; os males inundaram toda a terra. Contudo, por espantoso que seja este dilúvio de enfermidades, de males e de misérias, «não me espantarão, meu Deus (exclama o Profeta), porque tu estás comigo»: *Non timebo mala, quoniam tu mecum es.* Tenhamos esta grande confiança em Deus, e depressa ficaremos seguros.

Pobre viúva, sem arrimo, sem proteção, carregada de família e talvez também de dívidas, abatida, desprezada, perseguida: recorre a Jesus Cristo, põe nele toda a tua confiança, e ele será seguramente teu asilo, teu protetor e teu apoio. Infeliz artífice, que não tens a quem voltar os olhos no mundo: recorre a Jesus Cristo com inteira confiança, e nele encontrarás tudo. *Numquid non ego melior tibi sum, quam decem filii?* Tem em Deus uma confiança sem limites, sem medida; e, em todos os acidentes desgraçados que te sucederem, clama logo com os discípulos: *Domine, salva nos, perimus.* «Senhor, se tu não me salvas, pereço.» Não confies nos amigos nem em tua indústria; e, ainda que não devas omitir aqueles meios que dita a prudência humana, sempre hás de contar com a assistência do céu.

2. «A divina Providência (diz São Francisco de Sales) só dilata seu socorro para avivar mais nossa confiança.» Se nem sempre nosso Deus nos concede o que lhe pedimos, é porque quer ter-nos perto de si, para que instemos com ele, o apertemos, o importunemos, fazendo-lhe uma amorosa

violência. Confiar em Deus quando nos enche de consolações, de prosperidade e de abundância, qualquer um o sabe fazer; mas lançar-se inteiramente em seus braços entre as borrascas e as tempestades, isso é próprio de seus filhos. Põe em prática esta importante máxima: quando te suceder alguma coisa molesta, difícil, perigosa, entra em teu quarto, lança-te aos pés do crucifixo e, pondo toda a tua confiança na bondade do Salvador, implora sua graça e sua assistência. Evita, quanto te for possível, todo ar de tristeza, de desespero e de queixa que mostre desconfiança; e o mesmo espírito de confiança hás de procurar inspirar a teus filhos e a toda a tua família. Torno a dizer que, só com ter fé, seríamos de certa maneira todo-poderosos.

---

Revision #1
Created 20 November 2026 20:51:11 by Admin
Updated 20 November 2026 20:51:11 by Admin